

SE BASTASSE UMA CANÇÃO: REFLEXÕES ENTRE O PRÊMIO DA MÚSICA BRASILEIRA E O JORNAL O GLOBO

Frederico Augusto Ribeiro da Silva¹

Resumo: As publicações jornalísticas têm um importante papel enquanto prova documental e na manutenção da memória. Portanto, considerando esse pressuposto, busca-se investigar a representação do Prêmio da Música Brasileira, em todas as suas edições, a partir do conteúdo textual publicado no jornal O Globo, pós-evento, entre os anos 1988 e 2018. Para isto, foi realizada uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, envolvendo procedimentos bibliográficos e documentais. Foi escolhido, também, como instrumento para apreciação das matérias o método de análise de conteúdo, assim, pode ser notado que a premiação estudada, no princípio, recebia um olhar de descrédito, mas, na atualidade, é exaltada por meio dos textos divulgados no veículo jornalístico.

Palavras-chave: Prêmio da Música Brasileira; eventos; cultura brasileira.

Introdução

É considerada de autoria do filósofo alemão Nietzsche o conceito que anuncia que sem a música, a vida seria um erro (SAFRANSKI, 2005), porém, mesmo sendo evidente a sua constante presença na história humana, pode ser observada a escassez de estudos sobre eventos destinados à temática. E, por isso, esse trabalho é ancorado na investigação da representação do Prêmio da Música Brasileira, em todas as suas edições, a partir do conteúdo textual publicado pós-evento, no jornal O Globo, entre os anos 1988 e 2018.

Logo, o estudo pode ser justificado pela raridade de trabalhos deste tratamento na academia e pela importância de pesquisar um evento que recebia, anualmente, o enfoque de um dos principais veículos jornalísticos do Brasil- levando em consideração que O Globo, com tiragem média de 275 mil exemplares, é apontado como o principal jornal do Rio de Janeiro, sem concorrentes diretos (FILHO, 2006). Do ponto de vista da sociedade, a pesquisa se mostra relevante por abordar uma iniciativa cultural que, em muitas edições, recebeu investimento público, por meio de leis de incentivo, possibilitando, assim, a sua realização.

Pela perspectiva portuguesa, Costa (2013, p.63) afirma que eventos voltados à música no mundo “têm como alicerce as principais marcas que operam nos respectivos

¹ Mestrando em Comunicação pelo PPGCOM/UERJ, na linha de pesquisa Cultura das Mídias. Imaginário e Cidade.
E-mail: fredericoaugusto1@gmail.com

mercados, cada qual associa o seu nome aos eventos e dinamiza-os *in loco* recorrendo às mais originais e criativas estratégias de promoção e oferta de experiência.”. E, ao falar da relação de figuras públicas e eventos, principalmente artistas, pode ser destacada uma clara ligação com as questões voltadas ao reconhecimento do trabalho, se tornando espaços de contato do público com o seu produto artístico e consumo da sua imagem (DINIZ, 2009).

Martins (2013) observa os eventos enquanto ambientes construtores de mensagens, especialmente, por meio de artifícios visuais, tendo, portanto, ferramentas de eficaz comunicação não verbal. Portanto, se destaca o entendimento de evento que se assume aqui, este que não se resume à execução de técnicas, mas que se expande à dimensão comunicacional, envolvendo as mais diversas manifestações identitárias e culturais.

Cabe destacar que tal reflexão conduz o trabalho para as ideias do sociólogo polonês Bauman (2005), que define que o conceito de identidade como “altamente questionável” e, sempre que estiver no âmbito do debate, haverá combates. Para o autor, o lar natural da temática é a batalha: “A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado” (BAUMAN, 2005, p. 83-84).

Ao conceituar cultura, recorre-se a Hall (1997, p.2) que afirma que sua construção é por meio de processos, “pelos quais significados e definições são socialmente construídos e historicamente transformados”, sendo que “a cultura incorpora o ‘melhor que já se pensou e disse’ em uma sociedade”. Outra perspectiva no tratamento da temática que se faz fundamental para a pesquisa é da relação da cultura com a comunicação, estudada pelo acadêmico estadunidense Kellner (2001 p.53):

[...] “cultura”, serve de mediadora da comunicação e é por esta mediada, sendo, portanto, comunicacional por natureza. No entanto, a “comunicação”, por sua vez, é mediada pela cultura, é um modo pelo qual a cultura é disseminada, realizada e efetivada. Não há comunicação sem cultura e não há cultura sem comunicação.

Na visão de Kellner (2001) - que permite estabelecer diálogo conceitual com Bauman (2005), em sua defesa da não estabilidade da cultura e da identidade- a mídia tem papel estruturante na sociedade, indicando assim novos modos de vida, seja por meio da televisão, do jornal, ou até mesmo da música. Mas é importante destacar que,

para o teórico, na relação, a sociedade não é passiva, sendo uma relação de troca em que ela “negocia” invariavelmente com a mídia.

Com isso, se observa a complexidade relacionada aos conceitos de identidade e cultura, destacando a forte relação da mídia com as temáticas, assim como o poder comunicativo dos eventos. Portanto, fica ainda mais clara a importância de se estudar o evento Prêmio da Música Brasileira pela ótica de um jornal que acompanhou, até então, todas as suas edições, entendendo que o veículo midiático é responsável por formar e apresentar imagens relacionadas à premiação para a sociedade.

Concursos, premiações e festivais no Brasil

Na década de 1930 surgem as primeiras premiações voltadas à música com alcance midiático no Brasil, destacando-se os concursos de canções carnavalescas, inicialmente, promovidos pela Casa Edison do Rio de Janeiro²/O Cruzeiro³ e a eleição da “Rainha do Rádio”. A iniciativa da Associação Brasileira de Rádio virou um sucesso nacional depois de uma reformulação em 1949, com o surgimento da tão famosa rivalidade entre as artistas Emilinha Borba e Marlene (ARAGÃO, 2012).

Logo depois, nos anos 60, o produtor musical Solano Ribeiro, movido pelo deslumbramento no festival italiano de Sanremo⁴, conseguiu e adaptou o regulamento do evento. E, quando o apresentou aos diretores da TV Excelsior, logo foi aprovado para ser transmitido pela emissora. Mello (2003) observa que Solano carregava consigo o ideal de levar uma nova sonoridade para a televisão, batizando a sua ideia como I Festival Nacional de Música Popular Brasileira, que aconteceria em 1965.

Santos (2015) lembra que os eventos televisionados com esse estilo conquistaram o público, e a expressão “festival” passou a fazer parte do vocabulário brasileiro, relacionando-a à música produzida no país. E, em anos de chumbo⁵, esses concursos se tornaram mais do que vitrines artísticas, sendo espaços raros de fala para uma nação sem liberdade. Ressalta-se que o público, formado principalmente por uma

² Primeira gravadora no Brasil e na América do Sul, fundada em 1900, por Frederico Figner, no Rio de Janeiro.

³ Revista semanal ilustrada, fundada por Assis Chateaubriand, com sede na cidade do Rio de Janeiro, que iniciou sua circulação em 10 de novembro de 1928.

⁴ O Festival de Sanremo (ou Festival da canção italiana) é realizado sem interrupção desde 1951, sendo considerado um dos mais importantes eventos de música do mundo.

⁵ Expressão que representa o período mais repressivo da ditadura militar no Brasil, estendendo-se basicamente do fim de 1968, até o final do governo Médici, em março de 1974.

juventude estudantil interessada e conhecedora da realidade social brasileira, facilmente identificava, nas entrelinhas das canções, a insatisfação com o Regime Militar (MELLO, 2003).

Mas os grandes festivais não duraram tanto quanto a Ditadura, o último de ampla proporção, deste período, aconteceu em 1972, no Maracanãzinho. Carvalho (2008) relata que a ocasião foi marcada pela interferência militar, obrigando Solano Ribeiro a afastar Nara Leão⁶ da presidência do júri por questões políticas e, também, pelo espancamento do psicanalista-jornalista e teatrólogo Roberto Freire, quando tentava subir no palco para ler um manifesto contra essa mudança. A Rede Globo, a então promotora do evento, no ano seguinte, resolveu não mais fazê-lo.

Também em 1972, chegou ao fim o Troféu Chico Viola, promovido pela Associação dos Funcionários das Emissoras Unidas (AFEU), com transmissão pela TV Record. A premiação reunia importantes artistas do período, mas, infelizmente, pouco se encontra sobre a iniciativa, ficando registrado nos livros apenas a curiosa história em que o artista João Gilberto quebrou um violão na cabeça do compositor Tito Madi, em 1961 (MELLO, 2003).

Durante os seguintes anos, nenhum grande evento voltado à música brasileira ganhou notoriedade, gerando uma nostalgia daquele passado tão recente, que levou a TV Globo a produzir novamente festivais como os de outrora. Os eventos não foram um sucesso como antes, mas em sua derradeira edição, em 1985, como indica Albin (2006), a canção brasileira revelou que ainda tinha forças com a cantora Leila Pinheiro (intérprete de "Verde", de Eduardo Gudin e Costa Netto), que levou pela última vez o Maracanãzinho ao delírio em um festival.

Considera-se importante, também, lembrar do surgimento do Prêmio Shell de Música, que nasceu ainda nos anos de 1980, tendo como objetivo prestigiar, anualmente, compositores e intérpretes que contribuíram para a cultura nacional. Mas essa premiação, assim como o Prêmio Visa de Música Brasileira (criado em 1998), não resistiu ao século seguinte. Nos anos 2000 restaram apenas outras duas premiações, o Prêmio Multishow de Música Brasileira, um evento anual, que acontece desde 1995, em

⁶ Nara Leão foi cantora, compositora e instrumentista brasileira, sendo considerada um dos principais nomes da Bossa Nova

que os vencedores das categorias são escolhidos por meio voto popular (AZEDO, 2010) e o Prêmio da Música Brasileira.

Prêmio da Música Brasileira

Em 31 de maio de 1988, no Teatro do Hotel Nacional, no Rio de Janeiro, ocorreu a primeira edição do Prêmio da Música Brasileira. O evento, inicialmente chamado de Prêmio Sharp de Música, foi apresentado pela atriz Eva Wilma e homenageou o compositor e poeta Vinicius de Moraes, que teve sua obra revisitada naquela noite pelos mais diversos artistas, unindo a bossa-nova tropicalista Gal Costa a sonoridade caciquiana de Beth Carvalho (MIGUEL et al., 2014).

A Sharp Brasil atuava na fabricação de diversos produtos voltados para eletrônica de consumo, como televisores e aparelhos de som. Foi fundada, pelo Sr. Matias Machline, como uma representação comercial brasileira da Sharp Corporation⁷, tendo uma unidade fabril em Manaus e o centro da unidade administrativa na cidade de São Paulo (JUNIOR, 2002). José Maurício Machline (filho do fundador), acreditava que uma premiação seria uma boa forma de divulgação para a empresa, definindo o pai como “o primeiro a acreditar nessa loucura maravilhosa”⁸.

Zé Maurício, chamado assim pelos amigos e por toda a classe artística brasileira, sempre foi um apaixonado pelo universo das canções e, sendo entrevistado pelo também cantor e apresentador Ronnie Von, na estreia do quadro Encontro de Sexta, no programa Todo Seu⁹ (2012), contou como surgiu a ideia de um prêmio para a música brasileira¹⁰:

Na época, era ministro o Mário Henrique Simonsen, um apaixonado por música, principalmente pela música clássica e por ópera [...] E ele era uma pessoa muito próxima ao meu pai, muito próxima a mim, e conversando sobre música falou: “Por que a gente não inventa um prêmio de música?”. E foi assim que nasceu esse prêmio, junto com Mário Henrique Simonsen, e nós levamos à Sharp.

Observa-se que, desde a primeira edição, a premiação apresentava enquanto um dos seus principais pilares, a diversidade sonora. Como exemplo disto, pode ser utilizada a cerimônia que ocorreria 15 anos após, em 2003, que além de homenagear o

⁷ Sharp Corporation é uma fabricante japonesa de eletrônicos com sede em Tóquio fundada em 1912, sendo uma das maiores empresas de eletrônica no mundo.

⁸ Trecho retirado da dedicatória do livro sobre a 25ª edição do evento.

⁹ Programa televisivo exibido pela Rede Gazeta, de abril de 2004 até julho de 2019.

cantor Lulu Santos, os maiores premiados foram o rap-samba de Marcelo D2 e a MPB de Maria Bethânia. Entre os ganhadores de troféus, nomes conhecidos no mercado fonográfico e pessoas que ainda se tornariam, como novamente assinala Miguel et al. (2014. p.188):

A votação popular garantiu a Maria Rita o troféu de Melhor Cantora. Tendo lançado seu disco (Maria Rita) um ano antes. A filha de Elis Regina também levou para a casa o troféu de Revelação. Ao lado da novata, o veterano Cauby Peixoto também foi duplamente premiado na categoria Canção Popular: Cantor e Dupla (dividido com Selma Reis).

Destaca-se, ao citar categorias, que segundo o regulamento da premiação, existem treze, concedendo, anualmente, ao todo trinta e oito troféus. Com isso, pode ser apontado que Prêmio da Música Brasileira tenta reconhecer ao máximo a produção fonográfica do Brasil e, também, evidenciar a vida e obra de importantes nomes, por meio de um tributo pensado enquanto um evento completo, com roteiro, cenários, arranjos e apresentadores. Salienta-se que a cada ano há um homenageado, sendo aquele que dá o *tom* para o evento e que, segundo o regulamento da premiação (2018), é escolhido por meio de um conselho diretor.

Quadro 2: Homenageados do Prêmio da Música Brasileira

1988	Vinícius de Moraes	2005	Baden Powell
1989	Dorival Caymmi	2006	Jair Rodrigues
1990	Maysa	2007	Zé Keti
1991	Elizeth Cardoso	2008	Dominguinhos
1992	Luiz Gonzaga	2009	Clara Nunes
1993	Ângela Maria e Cauby Peixoto	2010	Ivone de Lara
1994	Gilberto Gil	2011	Noel Rosa
1995	Elis Regina	2012	João Bosco
1996	Milton Nascimento	2013	Tom Jobim
1997	Rita Lee	2014	Samba
1998	Jackson do Pandeiro	2015	Maria Bethânia
1999	-	2016	Gonzaguinha
2002	Gal Costa	2017	Ney Matogrosso
2003	Ary Barroso	2018	Luiz Melodia
2004	Lulu Santos		

Fonte: Elaboração própria

Lembra-se que a escolha desses nomes em nada se baseia em critérios mercadológicos e, eventualmente, chegam a surpreender até mesmo os homenageados, como relata a cantora Maria Bethânia, em conversa com José Maurício Machline, disponibilizada no YouTube¹¹:

Não sei se carrego uma história tão grande para ser o motivo de um prêmio daquele. Tenho uma história, estou no palco comemorando 50 anos [de carreira], mas isso é eu achar. Outra pessoa achar, reconhecer, homenagear é outra coisa. E é muito grande!

Dantas (2016) rememora que após a Sharp, o prêmio já foi patrocinado pela Revista Caras (sendo chamado Prêmio Caras de Música), pela empresa de telefonia móvel Tim (sendo chamado Prêmio Tim de Música), assim como pela mineradora multinacional Vale e a petrolífera Petrobras. “O prêmio teve outros nomes e patrocinadores, passou por diferentes palcos e mesmo assim conseguiu preservar a identidade e coerência” (MIGUEL *et al.*, 2014, p.15).

Assim, enxerga-se que mais do que uma premiação, o Prêmio da Música Brasileira é uma realização que celebra a arte de um país. O caráter festivo do evento e a adesão da classe artística, que muitas vezes se uniu na luta para que ocorresse a cerimônia, mostram o sucesso da iniciativa, que resiste ao longo de tantos anos.

O Globo e o Prêmio da Música Brasileira

Para a concretização da pesquisa, foi realizada uma coleta no Acervo O Globo, encontrando, ao todo, 647 matérias que citavam o Prêmio da Música Brasileira. A partir desse levantamento inicial, foram selecionados 139 textos jornalísticos em que a premiação se apresentava enquanto temática principal, e depois da leitura flutuante do material coletado, foi observada a existência de matérias pós-evento de todas as edições do objeto estudado.

Com isso, foi tomada a decisão de analisar todas as publicações, pós-evento, no jornal O Globo, entre os anos 1988 e 2018. Logo, o *corpus* ficou estabelecido em 29 textos jornalísticos, sendo todos do gênero opinativo. E, na busca de realizar uma análise densa deste material de pesquisa, foi optado pela abordagem qualitativa, escolha

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=27Ns3c3BD-Y>. Acesso em 24 mar. 2021.

essa relacionada à vontade de compreender como é formada a imagem de um evento brasileiro pela ótica de um dos principais veículos midiáticos do país.

Para o tratamento dos dados coletados, foram escolhidos procedimentos típicos da análise de conteúdo proposta por Bardin (2002). Para a autora (2002, p.38) esse método é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Já Severino (2007) resume a técnica afirmando que esta descreve, analisa e interpreta mensagens em todas as formas de comunicação, na busca de compreender criticamente o sentido ou que está oculto no texto (seja ele oral, escrito ou imagético).

Partindo, portanto, para um percurso analítico, logo na primeira publicação estudada, fica evidente que a matéria jornalística dá um maior destaque aos pontos desfavoráveis da premiação:

Apesar do **atraso**, da **ausência** de oito premiados e da terça-parte dos 1,5 mil convidados, da **direção ruim** do espetáculo, dos **tropeços** das belíssimas apresentadoras e da **troca de troféus** o bochincho da entrega do Primeiro Prêmio Sharp de Música, anteontem no Teatro do Hotel Nacional, valeu. (DUMAR, 1988, p.4, grifo do autor)

E, assim, observa-se que os textos seguintes mantêm o mesmo foco:

Além das **filas**, que caracterizaram a noite — fila para entrar, fila para confirmar presença dos convidados, outra para distribuição de buttons para os indicados ao prêmio, fila no toailete feminino, fila para comprar cerveja morna a Cr\$ 100 no bar da sobreloja —, os 200 convidados para o jantar no Hippopotamus ainda tiveram de enfrentar fila para se servir dos pratos de carne ou ave. (DUMAR, 1990, p.4, grifo do autor)

Logo, fica clara a comparação com premiações americanas e uma possível incapacidade dos brasileiros para produzirem eventos dessa tipologia:

Difícil não se lembrar da cerimônia do Oscar. Pena que a única semelhança fosse o fato de ser uma entrega de prêmios na qual havia muita gente famosa. As quase 1.500 pessoas, entre cantores, músicos, produtores e empresários, que foram terça-feira à noite ao Teatro do Hotel Nacional para assistir à entrega do 4º Prêmio Sharp de Música mostraram mais uma vez que esse negócio de **showbiz só é bom mesmo para americano**. Aqui, fica parecendo **mais baile à fantasia** ou **comédia pastelão**. (DUMAR, 1991, p.2, grifo do autor)

Prêmio Sharp não é tão importante quanto querem fazer crer os organizadores do evento. Frequentemente, o troféu é apontado como o "**Grammy da música brasileira**", mas, ao contrário de seu "equivalente" americano, o Prêmio Sharp não influi no mercado. (FERREIRA, 1993, p.3, grifo do autor)

Assim, recorre-se a ideia de Motta et al. (2001) que, ao estudar a temática cultural brasileira, observa a possibilidade de estrangeirismo, ou seja, a valorização daquilo que é estrangeiro e, concomitantemente, menosprezo pelo que é nacional. Para o autor, isso teria raiz na colonização em que o Brasil passou, tendo uma estruturação da sociedade pela exploração predatória. Silveira (2011, p.159), ao se dedicar à representação do país, enxerga, também, o passado enquanto forte influenciador na construção dessa visão, que teve início “com a Carta do Descobrimento e, mais tarde, adquire novos contornos no conturbado processo de formação da identidade nacional e campanhas institucionalizadas.”.

Porém, é importante destacar que esta visão não permanece impressa ao longo do tempo no discurso do jornal O Globo. As matérias do século XXI apresentam novos olhares para a premiação, apontando isso, apresenta-se a comparação entre duas matérias, uma 1992 (ano em que Luiz Gonzaga foi homenageado) e outra de 2008 (ano em que Dominginhos foi homenageado).

Na primeira, é reparável um tom ácido ao falar sobre o evento:

Decorado com bandeirinhas de festa junina, o palco do Teatro do Hotel Nacional, **virou um arraial**, ao som dos forrós e baiões de Luiz Gonzaga. Os longos extravagantes de algumas peruas pareciam mesmo **fantasia de quadrilha do Nordeste**. (FERREIRA, 1992, p.3, grifo do autor)

Já no segundo, é possível observar um discurso diferente e cuidadoso:

[...] **simples e sofisticado** como Dominginhos. O **cenário, com motivos juninos** e uma iluminação inspirada, **fez bonito ao emoldurar** os números musicais, regidos por Rildo Hora. [...] Para se ter uma ideia da **justiça e da importância da homenagem**, era comum ouvir de alguém na plateia: "Nossa, não sabia que isso tudo era dele" (PIMENTEL, 2008, p.1 grifo do autor)

Para um olhar menos atento, as cenografias das duas edições em foco seriam consideradas a mesma, tamanha a semelhança. Porém, os relatos das matérias jornalísticas são antagônicos. Em 1992, o jornal destaca: “*Decorado com bandeirinhas de festa junina [...]*”. A publicação apresenta apenas uma foto do cantor e compositor Caetano Veloso, o que não possibilita o leitor ter outras fontes de apreciação, além da textual. Assim, ao usar o diminutivo na palavra “bandeiras”, a ideia do uso do item de pequena proporção, facilmente encontrado em papelarias, se torna inevitável.

Já na publicação de 2008, o jornal descreve: “[...] *O cenário, com motivos juninos e uma iluminação inspirada, fez bonito ao emoldurar os números musicais*

[...]”, o leitor não consegue ter uma real visão da cenografia pelas fotos escolhidas para a matéria, mas a escolha textual não deixa margens para falsas interpretações, como na matéria anterior.

É observado que, a partir dos anos 2000, há uma modificação no discurso. Como mais um exemplo comparativo, utiliza-se o indicador mais recorrente, “excesso de categorias”:

Com **excesso de categorias** (MPB, canção popular, pop-rock, instrumental, clássico, regional, infantil, samba e especial), alternadas com as apresentações de oito intérpretes relendo a obra de Milton Nascimento, a cerimônia cansou boa parte da plateia, Moreira da Silva, sem papas na língua, resumiu o que muita gente pensava [...] o veterano sambista reincorporou o personagem Kid Morengueira disparando que aquilo tinha **acabado com sua "paciência"**. (MIGUEL e VIANA, 1996, p.6, grifo do autor)

Muita gente reclama do excesso de premiações (38), divididas em 12 categorias, o que, para que a festa não seja muito longa, impede que os contemplados façam os agradecimentos básicos. O excesso também dá **a sensação de que, quanto mais premiados, melhor**. Todos, ou quase todos, saem **satisfeitos**. (PIMENTEL, 2008, p.1 grifo do autor)

Na matéria de 1996, o jornal afirma que a premiação tem um excesso de categorias. Em 2008, o veículo expressa a mesma opinião, porém, dessa vez, atribuída à terceiros, como pode ser reparado; *“muita gente reclama do excesso de premiações [...]”*. Nesta matéria fica clara uma outra visão, em que a grande quantidade, gera um sentimento maior de satisfação.

Também é reparável nas matérias do século XXI, que os aspectos culturais brasileiros passam, então, a serem exaltados:

“Ninguém aprende samba no colégio.” A edição do Prêmio da Música Brasileira reafirmava isso a cada canção do compositor mostrada no palco — atrações como Ivete Sangalo, Marisa Monte, Paulinho da Viola, Lenine e Wilson das Neves; **exibiam as muitas lições** que, longe dos bancos da escola aprenderam sobre o Poeta da Vila, o grande homenageado da noite. Ao mesmo tempo, porém, a cerimônia — com as projeções e a cenografia de Gringo Cardia e o texto dito pelas apresentadoras Débora Bloch e Regina Casé, além das músicas, claro funcionou, num **didatismo que sabia sambar**, como uma **aula de Noel** para neófitos ou não. (LICHOTE, 2011, p.1, grifo do autor)

Na noite de anteontem, ele (samba) não apenas **entrou pela porta da frente** do Teatro Municipal como foi mote e inspiração para que os artistas da MPB fizessem alguns dos melhores e mais emocionantes shows da história dessa premiação [...] Aí, não teve mais jeito: à beira do palco, Arlindo Cruz liderou o levante geral, e, num segundo, os **ternos e vestidos de gala estavam todos sendo sacudidos**. Para o **bem da nação e da sua música**. (ESSENGER, 2014, p.1 grifo do autor)

As duas publicações descrevem edições da premiação em que o samba foi a principal temática. Silveira (2011), rememora que esse estilo musical faz parte dos elementos que definiu, no século XX, um forjado tripé da identidade nacional (ao lado do carnaval e futebol), recebendo holofotes até hoje na publicidade voltada ao Brasil. Mas, as matérias apresentam mais do que o comum estereótipo, nelas o conteúdo apresentado expõe o ritmo com a sua força histórica.

Cabe exemplificar com o trecho “*entrou pela porta da frente do Teatro Municipal*”, nesse momento fica claro que o jornal personifica o estilo e destaca a sua conquista de espaço, considerando que antes, como descreve o sambista Nelson Sargento, o “samba, negro, forte, destemido, foi duramente perseguido, na esquina, no botequim, no terreiro”.¹²

Outro importante ponto apresentado, é a ideia do evento enquanto uma aula, podendo ser um momento privilegiado para os saberes que o ensino formal, muitas vezes, não abrange. Assim, por meio do veículo jornalístico, a premiação ganha uma relevância além da classe artística, passando a ser um espaço para que a sociedade conheça melhor a diversidade das manifestações sonoras do país, principalmente, porque a cerimônia é televisionada desde a sua primeira edição.

Por fim, é fundamental terminar a análise apresentando pontos das matérias mais recentes sobre a premiação:

Uma festa de mais de duas horas resumida em pouco mais de dois segundos: o tempo em que o verso "**A tua vida é uma linda canção de amor**" ecoou pelo Teatro Municipal na voz de Ney Matogrosso. [...] foi justamente esse Tom compositor — mais do que o maestro ou o cantor — que brilhou do início ao fim da noite, culminando na **magistral performance** de Ney. (REIS, 2013, p.1, grifo meu)

Todos foram Maria Bethânia. Na **elegância** de Adriana Calcanhotto com "Âmbar"; na **interpretação arrebatadora** de Alcione em "Negue"; na **leitura emocionada** de Fauzi Arap por Renata Sorrah, na poesia de Letícia Sabatella em "Quando o amor vacilar" na **garra ritualística** de Elisa Lucinda com "Quero ser tambor" e na dança de Chico César em "Estado de poesia", entre outros, havia um pouco — ou muito — da homenageada da 26ª edição do Prêmio da Música Brasileira, que **encantou a cerimônia** realizada na noite de quarta-feira no Teatro Municipal. (ALBUQUERQUE, 2015, p.1, grifo meu)

¹² Composição de Nelson Sargento, gravada por Beth Carvalho em 1978, no álbum “De pé no chão”.

Nas últimas publicações fica claro que o jornal deu seu maior enfoque nos números musicais ocorridos. Com escrita acautelada, mas sem qualquer rigidez, destaca-se a publicação de 2015. Poeticamente, o texto apresenta a força inspiracional gerada pela homenageada, em que os artistas convidados acabaram se tornando, por alguns momentos, Maria Bethânia.

Assim, pode ser analisado que, no princípio, as matérias apresentam representações fortemente relacionadas com o conceito de Motta et al. (2001, p.71), que parte da ideia de que o brasileiro sente orgulho de se identificar com o estrangeiro e, assim, nega sua brasilidade, principalmente, as classes mais abastadas: “a elite nacional tem vergonha de ser brasileira e menospreza sobremaneira o que é nacional, buscando no exterior, na negação de sua brasilidade, a sua identidade.”

O jornal O Globo, não sendo um veículo midiático popular, se apresenta então enquanto um reflexo disto. Nas matérias iniciais, fica clara a busca de referências internacionais, como também o interesse pelos contratempos que o evento apresentava. Mas, a partir do século XXI, pode ser percebida uma clara mudança no discurso jornalístico e o aspecto identitário nacional começa a receber uma exaltação, sendo, então, projetado um reflexo generoso da cultura brasileira.

Outra ênfase dada no conteúdo textual analisado estaria voltada às atrações da premiação, estas, apontadas por Diniz (2009), como o grande diferencial da área, despertando no público o desejo de estar em eventos, devido às singularidades que proporcionam. Dessa forma, fica perceptível que as matérias veiculadas no jornal O Globo, no século XXI, apresentam perspectivas que valorizam a premiação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, do ponto de vista histórico, é notável que as mais diversas competições voltadas à canção no Brasil possuem forte relação com os contextos político-sociais pelos quais o país passou. Por meio da pesquisa, ficou claro que tais episódios têm importantes raízes históricas e, portanto, merecem um olhar cuidadoso quando se estuda eventos voltados à música, como no caso deste trabalho.

E, ao destacar especificamente a história do Prêmio da Música Brasileira, salienta-se a diversidade sonora sempre presente nas três décadas do evento, que foi

abraçado pela classe artística, desde a sua primeira edição, e afirmou sua importância por meio dela.

Portanto, por meio dos trajetos do trabalho, confirmou-se a importância da construção da pesquisa da premiação pela ótica de um jornal, que noticiou as todas as edições já realizadas, entendendo que o veículo midiático foi responsável por formar e apresentar, até então, imagens relacionadas ao Prêmio da Música Brasileira para a sociedade.

Ao analisar o conteúdo referente às matérias jornalísticas, do jornal O Globo, publicadas posteriormente a cada edição do evento, já nas primeiras matérias fica evidente que o veículo midiático dá um maior destaque aos pontos menos favoráveis da premiação. Mas, por meio da técnica comparativa, foi observado que tal posicionamento não permanece ao longo do tempo no discurso publicado no jornal. As matérias do século XXI apresentam novos olhares para a premiação.

Passam a ser destacados, então, aspectos voltados à brasilidade, com ênfase nas atrações do evento. Assim, pode ser notado que o Prêmio da Música Brasileira que antes recebia um olhar de descrédito do veículo jornalístico, na atualidade, é exaltado por meio do conteúdo publicado.

Considera-se que este trabalho pode ser complementado com outros projetos de pesquisa e, assim se vislumbra outros estudos, investigações podem vir a analisar eventos desta tipologia por meio de outras óticas, principalmente, considerando as novas tecnologias, que permitem, por exemplo, recolher a impressão do próprio público, por meio das mídias sociais.

Por fim, pode ser afirmado que foi alcançado o objetivo inicial, tendo em vista que foi possível averiguar a representação da premiação estudada, a partir do conteúdo textual publicado pós-evento, no jornal O Globo. E afirma-se, por meio do discurso jornalístico avaliado, que se bastasse uma canção para representar a pluralidade sonora do país, certamente ela estaria no Prêmio da Música Brasileira.

Referências

ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Aracatu, 2006.

- ARAGÃO, Diana. *Marlene*. A Incomparável. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo do Estado de São Paulo, 2012.
- AZEDO, Raphael Tavares Pavan. *Multishow*: O reposicionamento de um canal de tv jovem. Monografia (Graduação em comunicação social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições 70, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Zahar; Rio de Janeiro, 2005.
- COSTA, Ana Luísa da Silva. *Viagem pela Música*: A ideia. Dissertação (Mestrado em comunicação social). Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2013.
- DANTAS, Laura Figueiredo. *O canônico em xeque na MPB*: Processos de legitimação e ideário de modernidade. Dissertação (Mestrado em processos de criação musical). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.
- DINIS, Telma Vanessa. *Marketing de Eventos Experimentadesign* – Cultura, projecto e negócio. Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo). Instituto Universitário de Lisboa, 2009.
- ENCONTRO DE SEXTA. *Todo Seu*. São Paulo: TV Gazeta, 13 de fevereiro, 2012. Programa de TV.
- FILHO, Pedro Serico Vaz. *A História do Rádio Brasileiro na Perspectiva dos Jornais e Revistas do Século XX*. Dissertação (Mestrado em comunicação). Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2009.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Thompson, Kenneth (Org.) *Media and Cultural Regulation*. Inglaterra, 1997.
- José Maurício Machline entrevista Maria Bethânia. *YouTube*. 17 de mar. de 2015. 20min33s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=27Ns3c3BD-Y>. Acesso em 20 mar. de 2019.
- JUNIOR, Leônidas Ferreira da Mota. *Acumulação de competências tecnológicas e os processos subjacentes de aprendizagem na indústria eletrônica de consumo: O Caso Da Sharp Do Brasil S/A*. Dissertação (Mestrado em administração pública). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2002.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- MARTINS, Maria Cristina Marreiros Cabaço. *Influência dos patrocínios de eventos na intenção de compra*: O caso da Super Bock nos festivais de música. Dissertação (Mestrado em turismo). Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Estoril. Estoril, 2013.
- MELLO, Zuza Homem de. *A era dos Festivais*: Uma parábola. São Paulo: Editora 34, 2003.

MIGUEL, Antônio Carlos et al. *25 Anos - Prêmio da Música Brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Rio de Janeiro, 2014.

MOTTA, Fernando C. Prestes et al. *Cultura Brasileira, Estrangeirismo e Segregação nas Organizações*. RAC, Edição Especial, 2001.

PRÊMIO DA MÚSICA BRASILEIRA. *Regulamento do Prêmio da Música Brasileira*, 2018.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: Uma biografia de uma tragédia*. Geração Editorial: São Paulo, 2005.

SANTOS, Nilce Helena Marques dos. *O discurso do movimento Música Popular Maranhense (MPM) na década de 1970*. Tese (Doutorado em linguística). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia de trabalho Científico*. 23a ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIVEIRA, Lélian Patrícia de Oliveira. *Brasil: Um Paraíso Turístico?* Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo). Universidade de Aveiro. Aveiro, 2011.

Matérias jornalísticas citadas

ALBUQUERQUE, Carlos. Todas as Bethânias. *O Globo*. Segundo Caderno. 12 jun. 2015. p.1.

DUMAR, Deborah, Sharp premia Ed Motta e Pena Branca & Xavantinho. *O Globo*. Segundo caderno. 04 jun, 1991. p.2.

DUMAR, Deborah. Festa da Música. *O Globo*. Segundo caderno. 02 jun. 1988. p.4.

DUMAR, Deborah. Um brilho de aluguel. *O Globo*. Segundo caderno. 17 ago. 1990. p.4.

ESSINGER, Silvio. Casa de bamba. *O Globo*. Segundo Caderno. 16 mai. 2014. p.1.

FERREIRA, Mauro. A MPB arma seu “arraiaí”. *O Globo*. Segundo caderno. 29 mai. 1992. p.3.

FERREIRA, Mauro. Faltou o sexo no final. *O Globo*. Segundo caderno. 21 mai. 1993. p.3.

LICHOTE, Leonardo. Aula de Noel Rosa. *O Globo*. Segundo Caderno. 08 jul. 2011. p.1.

MIGUEL, Antônio Carlos; VIANA, Luiz Fernando. O Síndico, a Zorra e o ‘Pérola Negra’ em concerto. *O Globo*. Segundo Caderno. 09 mai. 1996. p.6.

PIMENTEL, João. Foi bom demais. *O Globo*. Segundo Caderno. 30 mai, 2008. p.1.

REIS, Luiz Felipe. Reverência ao maestro da bossa. *O Globo*. Segundo Caderno. 14 jun. 2013. p.1.